

A EMERGÊNCIA DE MAIS DE UM *OUTPUT*: O MODELO DE RANQUEAMENTO ORDENADO E O TRATAMENTO DA HIPOCORIZAÇÃO NO PORTUGUÊS

Carlos Alexandre GONÇALVES¹
Hayla Thami da SILVA²

ABSTRACT: *In this paper, we discuss, by means the analysis of truncation in Brazilian Portuguese, the Coetzee's (2006) model to the treatment of linguistic variation in the framework of Optimality Theory (PRINCE & SMOLENSKY, 1993; McCARTHY & PRINCE, 1993). We show that ROE - ranking-ordering of EVAL - provides an adequate description for the variation found in hypocoristic nouns like 'Alexandre' >> 'Xande' and 'Alê'; 'Mariana' >> 'Mari' and 'Nana'. We also discuss the effects of the constraints PARSE-SILABLE, ALL-FOOT-LEFT and ANCHOR in this phenomenon – a non-concatenative morphological process that reduce a personal name into a minimal word.*

Keywords: Optimality Theory; variation, hypocoristic nouns.

1. Introdução

Desde que Prince & Smolensky (1993) instituíram uma nova maneira de conceber a relação entre representação subjacente e forma de superfície, substituindo o componente de regras por um conjunto de restrições universais passíveis de violação, muitas propostas vêm sendo formuladas para dar conta de uma questão que Kager (1998) chama de residual na versão dita *clássica* da Teoria da Otimalidade (doravante OT): o tratamento da variação. De acordo com esse autor, a emergência de mais de um *output* ótimo a partir de uma única forma de *input* é um desafio para a gramática da OT, que é determinística, “no sentido de que cada *input* é mapeado em um único *output*, o candidato mais harmônico” (KAGER, 1998, p. 404).

Expressar a variabilidade a partir de hierarquias de restrições fatalmente leva a redefinir alguns princípios basilares da OT e a repensar sua própria arquitetura. Por exemplo, a proposta de ranqueamento parcial (ANTILLA, 1995) e de restrições flutuantes (NAGY & REYNOLDS, 1997) necessariamente implica rever uma propriedade que Prince & Smolensky (1993: 23) chamam de *conectividade*, segundo a qual “toda restrição está ranqueada com respeito a uma outra restrição”. Ora, se se admitem ranqueamentos variáveis, duas restrições locais podem estar parcialmente ordenadas ou uma restrição pode não apresentar posição definida na hierarquia e, com isso, mudar de posição dentro de certos limites.

Não constitui objetivo deste texto descrever as várias estratégias para o tratamento da variação numa perspectiva otimalista. De forma bem mais restritiva, procuramos apresentar a proposta de Coetzee (2006), que redefine o módulo EVAL (avaliador) da gramática e, com isso, possibilita a emergência de mais de uma forma de superfície a partir de uma única representação subjacente. Além disso, pretendemos aplicar o que esse autor denomina de

¹ Carlos Alexandre Gonçalves é professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do NEMP – Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português, filiado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Hayla Thami da Silva é aluna de doutorado do programa de pós-graduação em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do NEMP – Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português, filiado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e professora efetiva de Língua Portuguesa do IFRJ, Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* São Gonçalo.

de um *ranking* na OT Clássica e outro, aplicado à nova dimensão de EVAL – o ROE. Em (02), apresenta-se um *tableau* e, em seguida, o modo de lê-lo e interpretá-lo:

(02)

/Input/	A	B	C
Candidato 1 ➡			*
Candidato 2	*!		
Candidato 3		*!	

No *tableau* em (02), A e B são restrições dominantes em relação a C. O *input* é identificado no primeiro espaço da tabela e os elementos seguintes a ele, colocados na mesma coluna, são os candidatos a *output*. Iniciada a avaliação de formas, pode-se verificar que o candidato 2 infringe uma das restrições mais bem cotadas da hierarquia (A). Como a restrição seguinte, B, não está crucialmente hierarquizada em relação a A, fato marcado pelo uso da linha tracejada, que corresponde à relação {A, B}, e apenas o candidato 1 passa ileso por ambos os restritores, os concorrentes 2 e 3 recebem o sinal de infração *, seguido de !, o que caracteriza a sua eliminação. Dessa maneira, o candidato 1, apesar de infringir a restrição C, ainda assim constitui forma ótima na língua e, portanto recebe a indicação ➡, que marca a sua vitória na disputa. O sombreamento na restrição C evidencia que a violação do candidato vitorioso é irrelevante, já que o destino dos demais foi selado pelos restritores de nível mais alto.

Em (03), apresenta-se um *tableau* em que AVAL aplica-se, também, à gradação de candidatos:

(03)

/Input/	A	B	C	D
Candidato 1 ➡				*
Candidato 2 ➡			*	
Candidato 3	*!			

Diferentemente do que ocorre em (02), em (03), são apresentados dois níveis de restritores, o que é delimitado pelo uso da linha mais grossa (o ponto de corte está entre B e C). O primeiro nível de restritores (nível 1) é responsável por trazer à superfície apenas as formas lingüísticas licenciadas pelos falantes e consagradas pelo uso. Essas formas devem ocupar o topo da hierarquia de gramaticalidade e aceitabilidade. Nesse primeiro nível, então, bloqueiam-se estruturas que não são realizações verdadeiras de um determinado *input*, ainda que sejam construções potencialmente licenciadas pela gramática da língua. Pode-se dizer, então, que a violação aos restritores de nível 1 implica eliminação da disputa a *output* ótimo e, consequentemente, agramaticalidade.

O segundo nível de restritores não é capaz de eliminar formas de superfície, já que as restrições funcionam como ranqueadores dessas formas e aí está a releitura de EVAL e o modo como esse componente organiza estruturas lingüísticas candidatas a *output*. Assim, abaixo do ponto de corte, podem aparecer violações que uma gramática tolera: o ordenamento de harmonia relativa conforma-se ao grau de permissividade da língua a determinados

padrões de estruturação formal. Em (03), os dois primeiros candidatos vêm à superfície e podem ser graduados, em termos de frequência de uso, pela melhor satisfação aos restritores B e C. Assim, o primeiro candidato é melhor que o segundo porque viola uma condição mais baixa no *ranking* de prioridades.

Comparando a análise em (02) e em (03), nota-se o uso de um mesmo mecanismo formal (o *tableau*), mas a avaliação processada em (03) é mais adequada ao tratamento da Hipocorização devido à possibilidade de uma mesma hierarquia gerar duas ou mais formas de superfície, organizando *outputs* ótimos e sub-ótimos, conforme a realização dos falantes. Dessa forma, os mecanismos básicos da OT Clássica, somados ao novo papel de EVAL na análise dos candidatos a *output*, fazem com que a abordagem da Hipocorização se mostre mais abrangente, pois, através de um único *input* – o antropônimo – várias poderão ser as formas de superfície resultantes do seu encurtamento afetivo. Na próxima seção, focalizamos o fenômeno da Hipocorização em português e apresentamos uma primeira aplicação do modelo de Coetzee (2006).

3. A Hipocorização

A Hipocorização, enquanto processo de formação de palavras, foi estudada por alguns autores, como Monteiro (1983) e Brito (2003), e é citada por gramáticas normativas, como Cunha & Cintra (2001) e Lima (2003). Monteiro (1983) define o processo da seguinte maneira:

O hipocorístico deve designar uma alteração do prenome ou nome próprio individual. Do prenome Antônio, por exemplo, surgem entre outras as seguintes variações: ‘Totônio’, ‘Toim’, ‘Tõe’, ‘Totô’, ‘Tó’, ‘Tozinho’, ‘Nanan’, ‘Toinho’, ‘Tom’, ‘Toni’, ‘Tonico’, ‘Toquinho’, ‘Tota’, ‘Tuquinho’, ‘Tonhão’, ‘Tonton’, ‘Tonho’, ‘Toninho’, ‘Toinzin’, ‘Niquinho’, ‘Tonhozinho’, ‘Totoca’, ‘Tonheiro’, ‘Mitonho’, ‘Nini’, ‘Nico’, ‘Tonca’, ‘Antoinho’, ‘Antoninho’, ‘Toinzinho’, ‘Tontonho’, ‘Tutu’, ‘Tutuca’, ‘Tonito’, ‘Nito’, ‘Sitônio’, ‘Tonzinho’, ‘Tinoco’, ‘Tonico’, ‘Antoni’, ‘Antonieto’ e ‘Tonhim’.

Como se pode perceber pela definição e, além disso, pelo apanhado de dados apresentados em Monteiro (1983), a Hipocorização corresponde, de acordo com esse autor, a uma estrutura linguística afetiva que remeta a um nome próprio. Seguindo a mesma linha de Monteiro (*op. cit.*), Brito (2003: 231) admite que o hipocorístico “é uma palavra que traduz a intenção de carinho e próprio para uso no trato familiar”. A autora, como se pode perceber, reduz a definição de hipocorístico à sua relação com a afetividade, o que, por sua vez, corrobora com a visão de que processos não-concatenativos de formação de palavras são os mal-comportados do português (cf. GONÇALVES, 2004).

Segundo Gonçalves (2004), ao contrário do que propõem os autores citados anteriormente, a Hipocorização é um processo de formação de palavras que se caracteriza pela redução de nomes próprios. Essa redução, contudo, não deve ocorrer de modo a tornar o hipocorístico uma forma linguística opaca, já que é necessária uma relação mínima de identidade entre o prenome e o hipocorístico correspondente. Partindo dessa perspectiva, autor apresenta cinco padrões básicos de Hipocorização, conforme mostrado em (04):

(04)

Tipos de Hipocorísticos				
(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
'Francisco' >> 'Chíco'	'Cristina' >> 'Crís'	'Tereza' >> 'Teté'	'Barnabé' >> 'Bebé'	'Maria Luiza' >> 'Malú'
'Murilo' >> 'Lílo'	'Mariana' >> 'Mári'	'Jamile' >> 'Jajá'	'Isabel' >> 'Bebél'	'João Carlos' >> 'Jóca'
'Marilena' >> 'Nêna'	'Rafael' >> 'Ráfa'	'Joana' >> 'Jô'	'Nicolau' >> 'Laláu'	'Carlos Eduardo' >> 'Cadú'

O primeiro, estudado por Gonçalves (2004), consiste na cópia dos segmentos melódicos à direita da palavra prosódica, como em 'Francisco' – 'Chíco'. O segundo, analisado por Silva (2004; 2008), copia os segmentos à esquerda da palavra prosódica, a exemplo do que ocorre em 'Cristina' – 'Crís'. O terceiro, abordado por Lima (2007), reduplica a sílaba tônica do antropônimo, como em 'Barnabé' – 'Bebé'. O quarto padrão, descrito por Silva (2006; 2008), rastreia a primeira sílaba com *onset* do antropônimo, sendo esta passível ou não de reduplicação, como ocorre em 'Alessandra' – 'Lelê' ou 'Lê'. Por último, o padrão (E), descrito por Lima (2004; 2008), forma-se a partir de antropônimos compostos.

Embora diferentes em alguns aspectos, os padrões de Hipocorização propostos por Gonçalves (2004) apresentam vários pontos em comum. Em primeiro lugar, como são palavras mínimas na língua, todos os encurtamentos em (04) são formados por até um pé binário (as palavras resultantes são maximamente dissilábicas). Além disso, as formas derivadas sempre guardam alguma identidade com as derivantes, seja porque apresentam uma sequência periférica em comum (B, C e D), seja porque se aproveitam do pé proeminente do antropônimo (A e C). Alguns nomes próprios, no entanto, podem ser hipocorizados de diferentes maneiras, como se vê no quadro abaixo:

(05)

'Alessandra' << 'Alê', 'Lelê' ou 'Lê'
'Eduardo' << 'Edu', 'Dudú', Dado ou 'Dú'
'Natália' << 'Náti', 'Naná' ou 'Ná'
'Josiane' << 'Jôsi', 'Jojô' ou 'Jô'
'Filomena' << 'Filó', 'Mena', 'Fifi', 'Fi'
'Bianca' << 'Bía', 'Bibí' ou Bí

Apesar da ampla variabilidade, as formas possíveis (a) jamais deixam de contemplar uma das margens do antropônimo, (b) nunca apresentam mais de duas sílabas, exceto quando recebem um sufixo expressivo, como -inho e -ico ('Nininho', de 'Bruninho', e 'Julico', de 'Júlio', por exemplo), e (c) não são totalmente infleis aos nomes próprios de que se originam. Essas características gerais nos informam que algumas condições são sempre satisfeitas na Hipocorização, o que autoriza afirmar, levando em conta a proposta de Coetzee (2006), que há um limite para a variabilidade. Se hipocorísticos são encurtamentos, a forma de saída não pode ser maior que a de entrada. Isso impede que nomes já curtos sejam passíveis de Hipocorização. De fato, o processo é extremamente raro em nomes dissilábicos, sobretudo os paroxítonos com duas sílabas leves ('Lana', 'Bruno', 'Diva'). Podemos generalizar essas tendências a partir da obediência aos seguintes restritores de nível 1, posicionados acima do ponto de corte:

(06) TODO-PÉ(D): todos os pés são alinhados à direita da palavra prosódica.

ANALISE- σ : todas as sílabas são integradas a pés, isto é, nenhuma sílaba pode ser desgarrada.

ANCOR: elementos periféricos de S1 (nesse caso, A - antropônimo) têm correspondentes na periferia correspondente de S2 (nesse caso, H - hipocorístico).

Quando satisfeitas, as restrições TODO-PÉ e ANALISE- σ impedem que uma forma tenha mais de duas sílabas, pois, nessa situação, ou um pé aparece à esquerda da palavra prosódica ou uma sílaba deixa de ser integrada. ANCOR, por sua vez, exige coincidência absoluta entre as margens de formas relacionadas, nesse caso o antropônimo (A) e o hipocorístico (H), proibindo, portanto, encurtamentos efetuados no interior da palavra, sem nenhuma coincidência com os segmentos iniciais ou finais do nome próprio. Observem-se os efeitos desses restritores na análise de potenciais formas de Hipocorização do antropônimo 'Filomena'. Nos candidatos, os parênteses indicam parseamento em pés métricos e os acentos, a posição da cabeça:

(07)

Filomena	TODO-PE	ANALISE- σ	ANCOR
(lomê)			*!
(fílo)(ména)	*!		
fí(lomê)		*!	
(fí) ➡			
(fíf) ➡			
(lóme)			*!
(memê)			*!
(ló)			*!
(fíló) ➡			
(lo)(ména)	*!		
(ména) ➡			

Como se vê em (07), são mal sucedidos todos os candidatos (a) com mais de duas sílabas e (b) que não se aproveitam de elementos periféricos (à esquerda ou à direita). Nesse *tableau*, formaliza-se a idéia de que candidatos que violam as restrições TODO-PÉ(D), ANALISE- σ e ANCOR, de tão mal formados, estariam abaixo do nível crítico de tolerância de boa-formação e jamais poderiam emergir como hipocorísticos do antropônimo em questão. Todas as formas que conseguem satisfazer essas demandas são possíveis na língua: 'Ména' e 'Filó' se estruturam em um único pé métrico (troqueu e iambo, respectivamente) e têm seus segmentos ancorados à direita ('Mena') ou à esquerda ('Filó) do antropônimo. 'Fí' e 'Fíf' também são formas possíveis, já que a sílaba <fi> figura à esquerda do antropônimo. Além disso, esses candidatos satisfazem TODO-PÉ e ANALISE- σ porque se realizam num único pé e não deixam sílabas sem integração.

Considerando a proposta de Coetzee (2006), as formas que satisfazem as demandas acima do ponto de corte são possíveis, mas EVAL, além de distinguir entre perdedores e vencedores, estabelece um ordenamento harmônico sobre o conjunto de candidatos. Sem dúvida alguma, os candidatos que passaram pelo crivo das restrições em (06) cometem

violações a outros restritores posicionados abaixo da linha de corte. Caberia, então, observar que violações são toleradas no processo de Hipocorização e em que medida. Além disso, é necessário ranquear as formas em termos de frequência de realização. Como o trabalho se encontra em andamento, ainda não dispomos de resultados conclusivos, pois a ordenação por frequência de uso requer a aplicação de testes e o controle estatístico dos dados. Por ora, podemos adiantar que MAX, a restrição anti-apagamento, apesar de sistematicamente violada, já que estamos diante de um caso de morfologia subtrativa (SPENCER, 1991), desempenha importante papel no ordenamento de vitoriosos. Além de MAX, restrições de marcação, sobretudo silábicas, como ONSET (a posição de ataque é preenchida) e NÃO-CODA (sílabas são abertas), são igualmente importantes para distribuir as formas emergentes em termos de frequência de uso.

Vejamos a interação dos restritores TODO-PÉ(D), ANALISE-S e ANCOR com a restrição de fidelidade MAX e com o restritor UNIQUENESS (PIÑEROS, 2000), que desfavorece formas resultantes de um processo morfológico idênticas a qualquer outra da língua (bloqueio homofônico). Para tanto, consideremos o *tableau* abaixo, que inclui a restrição CODA-COND_[+ contínuo], que milita contra codas preenchidas por obstruintes, entre as que figuram acima da linha de corte:

(08)

<i>Míguiel</i>	TODO-PÉ	ANALISE	ANCOR	CD-COND	MAX	UNIQU
(mígui) ➔					e l	
(guél) ➔					m i	?
(mí) ➔					g e l	*
(gué)			*!		m i l	
(míg)				*!	e l	
(guegué)			*!		m i l	
i(guél)		*!	*		m	

Percebe-se, em (08), que os quatro últimos candidatos são eliminados pelas restrições de nível 1, já que ou deixam uma sílaba desgarrada (último) ou não se ancoram à margem direita do antropônimo (quarto e sexto) ou apresentam um segmento não-licenciado na posição de coda (quinto). Os três primeiros candidatos violam as restrições de nível 2 (abaixo da linha mais grossa), mas, ainda assim, são realizações possíveis. Levando em consideração o ROE, podemos afirmar que os três primeiros candidatos são graduados em termos de frequência de uso – do mais usual (o primeiro) ao menos usual (o último) – em função da melhor satisfação aos restritores de nível 2. Assim, 'Mígui' e 'Guél', por apagarem apenas dois segmentos do antropônimo, são melhores que 'Mí', que apaga três segmentos e ainda comete uma infração ao restritor UNIQUENESS.

A melhor forma, no entanto, acrescenta um segmento sem respaldo no *input*, o que obviamente é sancionado por DEP, uma restrição anti-epêntese, a qual certamente é dominada por MAX e UNIQU e não foi incluída no *tableau*, por seu baixo nível de relevância. Talvez por associação à forma inglesa 'girl', o encurtamento 'Guél' seja menos usual que 'Mígui', o que corresponde a uma violação de UNIQUENESS que rival mais harmônico não comete. A forma 'Mí' é a terceira possível, mas, bem mais opaca que as demais, talvez seja rechaçada por se referir a um indivíduo do sexo masculino. O ordenamento de candidatos ótimos estabelecido por EVAL é, portanto, o seguinte:

(10) Mígui >> Guél >> Mi

4. Considerações finais

Abordar a variabilidade no âmbito da Teoria da Otimalidade, como vimos, requer revisão de determinados princípios / postulados basilares desse quadro teórico. No caso do Modelo de Ranqueamento Ordenado de EVAL, o ROE, proposto por Coetzee (2006), EVAL adquire uma nova função: fornece um *ranking* de candidatos ótimos. Essa proposta permite que se analisem processos morfológicos que admitem mais de uma forma de *output* para um dado *input*, como a Hipocorização.

Neste artigo, apresentamos as idéias básicas do trabalho de Coetzee (2006) e fizemos uma primeira aplicação dessa proposta à análise da Hipocorização em português, mostrando que há claro limite para a variação, o que, condizente com a abordagem aqui resenhada, justifica estabelecer dois níveis de restritores: (a) os responsáveis pela eliminação de formas agramaticais e (b) os que possibilitam organizar as formas possíveis numa escala de usualidade.

Referências

- ANTTILA, Arto. *Deriving variation from grammar: A study of Finnish genitives*. Ms. Stanford University and Rutgers Optimality Archive. 1995.
- BRITO, Cristina. *Hipocorístico: um identificador ou apenas um tratamento carinhoso?* Disponível em: www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-09.html, 2003.
- COETZEE, Andries W. *Variation as accessing “nom-optimal” candidates – a Rank-Ordering Model of EVAL*. University of Michigan, 2006.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Condições de minimalidade no molde da Hipocorização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 10-32, 2004.
- KAGER, René. *Optimality Theory*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1999.
- LIMA, Bruno Cavalcanti. Processos não-concatenativos do português: hipocorização de antropônimos compostos. In: VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2004, Rio de Janeiro. *Questões de Morfossintaxe*. Rio de Janeiro : CiFeFil, 2004. v. VIII, n. 14, p. 177-185.
- _____. Hipocorização com reduplicação: um enfoque otimalista para o padrão de cópia dos segmentos à direita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- _____. A formação de ‘Malú’ e ‘Dedé’: uma análise otimalista de dois padrões de Hipocorização. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Olympio, 2003.
- MONTEIRO, José Lemos. Processos de formação dos hipocorísticos. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*. Fortaleza, 4:79-110, 1983.
- Nagy, Naomi, & Reynolds, Bill. Optimality Theory and variable word-final deletion in Faetar. *Language Variation and Change* 9:37–55, 1997.
- PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.
- PRINCE, Alan & SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado/Rutgers University, 1993.



Anais do IX Encontro do CELSUL
Palhoça, SC, out. 2010
Universidade do Sul de Santa Catarina

SILVA, Hayla Thami da. *Hipocorização no Português – o padrão de cópia dos segmentos à esquerda*, 2004. Questões de morfossintaxe – Vol. VIII, n.º: 14 (VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia/I Congresso Internacional de Lingüística e Filologia): Cifefil (Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos), 2004.

_____. *O tratamento Otimalista de um padrão variável de Hipocorização: a cópia dos segmentos à esquerda*. Disponível em: www.filologia.org.br/cluerj%Dsg/anais/ii/mesa11.htm, 2006.

_____. *Uma abordagem Otimalista da Hipocorização com padrão de cópia à esquerda*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.